DISCUTINDO COLEÇÕES: CAPITALISMO E MEMÓRIA CULTURAL

1. Reflexão histórica sobre as novas fronteiras entre os objetos artísticos e aqueles resultados da produção industrial;
2. Como o público se apropria da memória formada pelas exigências contemporâneas a esse respeito?
3. A impossibilidade de museus para incorporar obras em suas coleções devido ao fenômeno artístico do último século, sendo essas obras e objetos desmaterializados, efêmeros, registrados em suportes híbridos conceituais e industriais;
4. O poder que passou pelo viés da política da economia e hoje se encontra na cultura;
5. Mercadorias como cultura e cultura como mercadoria no capitalismo;
6. A força do espaço estético desterritorializado e sua capacidade em superar os limites. Ou seja, disponível a exploração das forças econômicas em escala global;
7. Padronização dos bens que hoje se aplica a cultura;
8. Diferenciação econômica: A cultura como aspecto de distinção social;
9. As coleções passam a incorporar o fenômeno moderno da repetição, exemplo, as fotografias, revelando o aspecto serial e mecânico da cultura Industrial passando a ser valorizada como sinal do espírito moderno e ficando cada vez mais distante da seleção de objetos sofisticados;
10. relação entre mercadoria e cultura, o “espírito” da mercadoria. Lida por antropólogos e historiadores, que fazem a criação de valor das mercadorias;
11. O museu como tradutor da cultura urbana;
12. Feiras e exposições, resultado da revolução industrial;
13. Museus e sua conotação com o resgate do passado x feiras e exposições ligadas ao futuro;
14. Aparecimento estético do mercado de massa. Multiplicidade de formas e de manifestações o clássico é substituído pelo industrial. Surgem novas coleções e novos documentos como os digitais, o que gera reflexões arquivísticas sobre como preservar e dar acesso a esses documentos;
15. Amplia-se os conceitos de coleções e documentos, abre-se espaço para que as ciências explorem novos objetos;

RESENHA

DISCUTINDO COLEÇÕES: CAPITALISMO E MEMÓRIA CULTURAL

O Fenômeno moderno da revolução industrial, não foi algo que modificou apenas as estruturas econômicas do mundo mas afetou em grandes proporções outros campos da sociedade, e nesse sentido é importante perceber que sempre que se busca contextualizar alguns aspectos da vida em sociedade é preciso passar pela discussão da era moderna e de seus grandes impactos principalmente no que se refere às consequências do capitalismo como força influi além do campo econômico.

O Texto em discussão é muito enfático quando analisa as esferas do poder na sociedade ao longo da história, poder esse que inicialmente emana da política, posteriormente passa a economia e por último engloba a Cultura.

A cultura que é tema central do texto e se dedica a discutir as coleções dos museus e a influência do capitalismo na cultura. Como um excelente tradutor da cultura urbana os museus e suas coleções logo passaram a ser afetados pelos aspectos culturais do capitalismo. Contudo de início o sentimento de estranhamento talvez tenha sido o que prevaleceu pois, com incorporar nas coleções já existentes nos museus esse novo tipo de produção em série que marcou o período industrial? esses ambientes eram marcados pelas produções clássicas e raras a repetição não era comum, Mas com o passar do tempo as coleções passam a incorporar o fenômeno moderno da repetição e o aspecto serial e mecânico da cultura Industrial foi passando a ser valorizada como sinal do espírito moderno. E assim como esse aspecto serial as feiras e exposições também se tornam símbolos de um olhar para frente, para o futuro.

Por fim, outra discussão bastante contundente no texto é a questão da mercadoria como cultura e da cultura como mercadoria. Sendo a cultura hoje portanto, um objeto de estudo de várias ciências como a história e a antropologia, só para citar um exemplo. A cultura portanto passou a ser encarada como algo relevante de acordo com seu potencial de ser lida como objeto de expressão de um povo. Mas também é levantado a questão de, até onde a cultura é apenas expressão de um povo e quando começa a ser encarada como uma mercadoria, vendável e mais produzida com esse único objetivo, buscando também padronizar e em alguns momentos ser o principal aspecto de distinção social.